



A CASA CHAMADA TEOLOGIA*

Wanda Deifelt**

Havia uma vez uma casa chamada teologia. Era uma casa velha, cheia de aposentos e cheia de homens, também velhos. Era uma casa milenária, com reputação de ser um lugar quase sagrado porque ali se estudava sobre Deus, as verdades da fé e a maneira como as pessoas deveriam se comportar. A casa exigia respeito e temor.

Nesta casa não havia mulheres, mas elas vinham todos os dias para deixar comida na frente da porta. Um dia, algumas mulheres se atreveram a entrar pela porta dos fundos, a da cozinha, e decidiram ficar. Alguns teólogos se assustaram quando viram as mulheres ali, mas se convenceram que era agradável ter uma presença feminina na casa. Além disto, era prático, pois podiam servir chá e café.

Os cômodos da casa eram grandes e estavam designados a temas distintos: havia um espaço para a teologia, outro para a bíblia e ainda um para a pastoral. Com acesso comum a todos estes aposentos estava a biblioteca, repleta de livros escritos por outros homens, todos renomados. Em cada cômodo da casa os homens mais velhos ensinavam aos mais jovens. De geração em geração tratavam de reproduzir o que outros teólogos, em outras épocas, haviam ensinado sobre Deus-pai-todo-poderoso.

Com o passar do tempo, algumas mulheres – passando pela biblioteca – entraram em outros cômodos e se colocaram como alunas, escutando o que diziam os teólogos. Uma ou outra em bíblia, outras em pastoral, outras poucas em teologia. No início, os teólogos não perceberam

* Conteí esta história na minha palestra “Desafíos del nuevo milenio para pedagogía y género en la educación teológica” por ocasião do II Taller-Encuentro de Profesoras de Teología, em Manágua, Nicaragua, em janeiro de 2000. Esta versão, traduzida e ampliada, serve como metáfora para os avanços e desafios do fazer teológico latino-americano e foi originalmente publicada nos anais do encontro (DEIFELT *apud* FOULKES, Irene. “Pedagogía teológica y género”. Segundo Encuentro-Taller de Profesoras de Teología de América Latina y el Caribe. **Vida y Pensamiento**, San José, v. 20, n. 2, p. 31-41, 2000. p. 38-41. Disponível em: <https://revistas.ubl.ac.cr/index.php/vyp/article/view/201/623>. Acesso em: 09 jun. 2023.)

** Wanda Deifelt é teóloga e pastora luterana. Atua como professora de estudos da religião no Luther College, em Decorah, IA, Estados Unidos. E-mail: deifwa01@luther.edu



sua dedicação aos estudos, achando que elas estavam ali para servir café. Até que elas começaram a opinar, demonstrando conhecimento e competência. Alguns teólogos as ignoravam, mas, outros, argumentavam teologicamente que a casa chamada teologia não era um lugar apropriado para elas, que não era da natureza feminina interessar-se por teologia, ou que era contra a vontade de Deus-pai-todo-poderoso as mulheres estarem ali. Que se ativessem à cozinha e à limpeza, como sempre haviam feito. Mas as mulheres argumentavam mais.

De fato, a maioria das mulheres ficou na cozinha, mas, também, a elas interessava falar sobre Deus, sua fé, suas experiências de vida. Às vezes, as mulheres que haviam adentrado nos cômodos mais amplos da casa (algumas delas, mesmo que modestamente, estavam também ensinando teologia) retornavam à cozinha para escutar as mulheres que viviam ali. As da cozinha convidavam as acadêmicas a falar sobre seus estudos, pois, também elas, queriam saber mais sobre teologia.

Um dia, em uma destas conversas, as mulheres começaram a analisar com mais profundidade a organização da casa: como estavam distribuídos os espaços, quais necessidades as mulheres tinham, o que lhes faltava e que propostas elas tinham para si mesmas e demais habitantes da casa.

Uma das mulheres estava descontente pelo fato de se privilegiar conhecimentos teóricos e acadêmicos, menosprezando as experiências de fé que vinham do cotidiano, da experiência de exclusão, da exploração de seu trabalho, de celebrar o prazer. Tudo estava voltado somente ao intelecto, sem dar valor ao corpo, os sentidos e os sentimentos. “Temos que valorizar isto também”, dizia, “e tratar de temas voltados para as necessidades das mulheres, como direitos reprodutivos, violência doméstica, incesto, trabalho infantil – e refletir teologicamente sobre isto”.

“Mas... não te parece”, disse uma companheira, “que somos vistas só como corpo, como natureza, como seres aptos somente para reprodução e maternidade, incapazes de refletir sobre coisas mais complexas do que uma receita culinária? Acho que deveríamos investir mais na formação acadêmica especializada, em publicar mais acerca dos nossos descobrimentos”.

“A mim me parece que estamos muito isoladas, não acham?” disse outra mulher. “Não só falando dos cômodos desta casa, mas isoladas também das demais casas da rua. Há mulheres estudando nas casas ao lado – na filosofia, psicologia, sociologia etc. – mas não conhecemos suas ideias. Deveríamos buscá-las (acho que chamaríamos isto de interdisciplinaridade). Seria uma boa ideia abrir portas de acesso de um cômodo a outro, abrir janelas para conversar com outras disciplinas. Mas o mais importante”, ela complementou, “é que deveríamos nos unir a outros grupos que, como nós, entraram na casa e não estão nos cômodos mais amplos e confortáveis”.



“Sim, é verdade”, continuou outra mulher. “Outro dia, no porão, encontrei gente muito interessante falando de negritude e espiritualidade indígena. Me disseram que alguns atuam em espaços acadêmicos – e que até poderíamos encontrar seus livros na biblioteca – mas que muito de suas vivências se dá na oralidade, no contar histórias e praticar ritos. O fato de sabermos tão pouco sobre suas lutas mostra nossas limitações. Isto é um desafio. Além disto, havia mulheres ali que tinham frustrações e sonhos, como nós. Por que achávamos que éramos as únicas mulheres da casa? E me falaram de interseccionalidade... que diferentes formas de opressão se sobrepõem... Deveríamos aprender mais sobre isto”.

“Hummm... e que tal a gente falar um pouco mais sobre diversidade entre nós mesmas?” ela continuou. “Do porão subi ao sótão, e lá encontrei um grupo que se autodenominava *queer*. Perguntei o que era e me disseram que celebravam a diversidade sexual. Fiquei curiosa em saber mais, especialmente sobre teologia indecente. Parece superinteressante!”

“Tudo isto me parece certo”, disse outra mulher. “A perspectiva com que vemos a casa e a maneira como somos descritas pelos teólogos se parece muito com as pessoas do porão, do sótão e da cozinha. Somos marginalizadas nos currículos, nas publicações, na arte. Temos que nos unir a estes grupos socialmente excluídos para revisar tudo isso e promover uma maneira mais íntegra de trabalhar nossa história.”

Alguns homens, curiosos, chegavam à cozinha para escutar as mulheres, mas se sentiam ameaçados quando estas falavam de relações assimétricas de poder dentro da casa e fora dela. Ouvindo isto, seja por despeito ou insegurança, alguns hostilizaram as mulheres, ameaçando-as. Uns poucos, porém, se solidarizaram com elas e se mostraram interessados na discussão, especialmente numa palavra que se escutava muito – a palavra “gênero”. Estes homens perceberam que também eles deveriam refletir sobre seus marcos teóricos, a epistemologia, a universalização equivocada de suas experiências como representativas de toda humanidade. E sentiam que a masculinidade que haviam aprendido também lhes era tóxica.

As mulheres queriam discutir gênero com seus colegas. Tratavam de aprofundar as teorias e ao mesmo tempo refletir sobre a sua realidade. Mesmo com todo seu esforço, o que se ensinava e como se ensinava na casa chamada teologia lhes dava pouca abertura.

Algumas das mulheres, que estavam envolvidas com ensino e aprendizagem, tentavam desenvolver métodos distintos, trabalhando com criatividade e compromisso com a realidade em que se achavam. Às vezes chegavam a ensinar as matérias curriculares de seus colegas homens, mas desejavam revisar os conteúdos programáticos, as maneiras de aprender e avaliar. Sobretudo, desejavam apresentar as mulheres como sujeitos históricos e instigar novas gerações a assumir seu lugar na construção de uma sociedade sem ódio ou violência.



Na cozinha, as mulheres conversavam e sonhavam com o dia em que elas se sentiriam também como donas da casa chamada teologia. Junto com outros grupos de pessoas – indígenas, negras, *queer*, pobres, portadoras de deficiência, idosas, crianças – queriam compartilhar suas lutas, esperanças e vidas. Abrir portas. Escancarar janelas. Quem sabe era sobre isto que a teologia deveria falar? Não seria este o propósito da casa?

Recebido em: 09 jun. 2023.

Aceito em: 09 jun. 2023.